

"Meus filmes são muito parecidos com meus sonhos"



QUEM É | Kenneth Anger, nascido na Califórnia em 1920 ao lado de Andy Warhol e Paul Morrissey, um dos do cinema underground. Aos 84 anos, realizou *Fireworks*, cusadi exercício de surrealismo que il valeu uma passagem para a Europa, em 1950. Trabalhou 1 ano na Cinemate Française como assistente do lenc Henry Langlois. É membro da order secreta do satan! Aleister Crowley.

MACENA CHEQUEI | AG. A TARDE



Kenneth Anger | Aos 84 anos, pai do cinema marginal visita Salvador

Se não fossem alguns poucos filmes pingados no MAM, a presença do senhor alto e bem-vestido passaria em brancas nuvens. No mínimo, um pecado. Kenneth Anger é,

sem nenhum favor, uma lenda viva sobre a terra. Na Bahia para participar do 16º Festival Internacional de Arte Eletrônica Sesc-Videobrasil, Mr. Anger não é lá muito, fácil de entrevistar – o homem só responde o que quer,

do jeito que quer. E também não quis demorar muito com o repórter CHICO CASTRO JR. Mas tudo bem. Não é todo dia que alguém do peso dele vem à esquedida Bahia, terra de "tanta estrela para pouca constelação".

A TARDE | Como é assistir *Fireworks* (1947) hoje, 50 anos depois de realizado?

KENNETH ANGER | *Fireworks* trata um sonho que eu tive. Um sonho poético, sexual e violento, tudo ao mesmo tempo. É como uma cerimônia para transcender a mim mesmo. Na última imagem, eu coloco o rosto de uma pessoa, detida ao meu lado na cama. Vemos que há alguém lá, mas eu não mostro seu rosto. Eu mostro uma explosão de luz no lugar do rosto.

AT | Você é conhecido por fazer filmes que rejeitam a narrativa convencional.

KA | Totalmente.

AT | Por quê?

KA | Eu faço filmes há mais de 50 anos para agradar a mim mesmo. Não estou nem aí para o público. Fuck them! Eu não me importo com eles. Se eles gostam dos meus filmes (bate palmas), ótimo. Mas eles são muito parecidos com meus próprios sonhos. Neles, eu vejo imagens, mas não ouço ninguém falando. Suponho que, quando as pessoas sonham, ou-

vem a mãe ou namorada falando, mas nos meus sonhos eu não ouço nada.

AT | Isso é outra característica sua. Seus filmes não têm nenhum diálogo?

KA | De propósito! No início era porque eu trabalhava com câmeras sem captação de áudio. E também era muito complicado acoplar um gravador, tem vários detalhes técnicos nos quais eu simplesmente não queria pensar. Então eu trabalhava muito com câmera muda em trabalhos como *Scorpio Rising* (1964), *Inauguration of The Pleasure Dome* (1954) e *Lucifer Rising* (1973). Foi só com *Elliott's Suicide* (2007), que comecei a trabalhar com som – po que se trata de um cantor. Gostei da experiência, mas isso não significa que vou mudar meu estilo.

AT | Esse vídeo, aliás, foi uma surpresa muito agradável. Elliott Smith (1969-2003) foi um grande cantor.

KA | Ele era meu vizinho em Los Angeles. Fiquei devastado quando ele se matou, em outubro de 2003.

Ele teve uma briga com sua namorada, Jennifer. Eles ficaram acordados a noite toda, fazendo amor e, provavelmente, usando drogas, o que é uma péssima combinação [risos]. Quando amanheceu, por alguma razão, eles brigaram. Ela foi pro banheiro e se trançou lá dentro. Elliott não disse nada, apenas foi na cozinha, pegou uma faca, daquelas grandes, de cortar carne. E aí... [faz um gesto amplo com o braço, como se enfiasse uma faca em si mesmo]. Quando se esfaqueou, Elliott obviamente soltou um grito. Jennifer ouviu e saiu do banheiro. Aí ela fez uma coisa muito burra, que foi puxar a faca do peito dele. O sangue espirrou até o teto, pela cozinha toda. Se tivesse deixado a faca lá e chamado a emergência, talvez ele ainda estivesse vivo, mas eu duvido. Eu mesmo já pensei em suicídio. Uma vez, na ponte Golden Gate (San Francisco), eu olhei lá para baixo, e aí pensei: "Não". Aquela altura, umas 300 pessoas já tinham pulado dali e eu seria a de número 301 [risos].

AT | Na Europa, onde o senhor viveu por muitos anos, o senhor

conviveu com artistas como Pablo Picasso, Jean Cocteau e Genet...

KA | Quando cheguei em abril de 1950, *Fireworks* ganhou um prêmio no *Fest Film Maudit de Biarritz*. V sempre quis ir à França, em tudei a língua ainda na escola era um tolo se tivesse ido saber falar a língua, porque censes são muito esnobes. C entendia um pouco de Inglês só falava comigo em franc maravilhoso quando ele : aqueles aforismos, as coisa ligentes que ele dizia.

AT | Aquel, em Salvador, ce muito acarajé, uma comi grada do candomblé. O r provou? O que acha disso?

KA | Já estudei todas as reil sistemas de crenças e, p mente, eu sou um pagão. N um cristão. Eu acredito na da natureza. Sigo os ensinam de Aleister Crowley, um ocultista do século XX. Mas um grande fascínio pelas c africanas que se espalharam América e pelo mundo.

Legado de Anger é visível na cultura pop contemporânea

Salvo erigano, a enorme influência de Kenneth Anger na cultura pop mundial ainda está por ser medida. Cineasta que lançou as bases da videoarte, do videoclipe e do cinema underground americano, Anger ainda foi um pioneiro na abordagem de temas abertamente pesados para a indústria, como homossexualismo, drogas, perversões e simbolismos pagãos.

Desde cedo, o homem rompeu com qualquer traço do puritanismo hipócrita americano, metendo o dedo na ferida sem qualquer pudor de chocar. Logo no seu primeiro curta, realizado aos 20 anos, o francamente homossexual *Fireworks*, Anger mostrou um pênis explodindo em fogos de artifício. Isso em 1947 (1).

Na verdade, é um equívoco dizer que Anger faz "filmes". Ele filma quadros em movimento, rituais, seqüências de sonhos, delírios e até mesmo conjurações de demônios, como no curta *Invocation of My Demon Brother* (1969) exibido dentro da retrospectiva de sua obra no Festival Internacional de Arte Eletrônica no MAM. Se não houvesse Anger, dificilmente haveria um David Lynch ou um Peter Greenaway, por exemplo.

A partir de *Fireworks*, Anger desbundou de vez. Foi à Europa, onde conviveu e aprendeu muito com alguns dos maiores artistas do século XX, converteu-se à ordem secreta de Aleister Crowley – de lendências satanistas – e realizou muitos outros filmes.

Em *Scorpio Rising* (1964), estabeleceu o imaginário gay estilo queção de couro, mostrando motociclistas em casacos negros com tachinhas e bonés de policial em orgias alucinadas, entre cruzeiros

suásticas. Mais provocativo, impossível. Em *Inauguration of The Pleasure Dome* (1954), deitou na tela o uso de drogas como expansores da mente.

Anger escreveu ainda o livro em dois volumes *Hollywood Babylon* (1958), em que desnuda a podridão subterrânea da meca do cinema, contando histórias escabrosas dos astros envolvendo sexo, drogas, loucura e sede de poder. O livro era tão escandaloso que ficou proibido nos EUA até 1974.

Apesar de sua aura pesada (o homem tem a palavra "Lucifer" tatuada no peito – há uma foto na internet), Anger é capaz de momentos ternos, como no seu último vídeo, *Elliott's Suicide* (2007), uma sincera e delicada homenagem ao cantor folk Elliott Smith, que era seu amigo e se suicidou em 2003.

Quem perdeu a-mostra dos trabalhos no MAM pode recorrer ao site You Tube. Além de alguns dos filmes na íntegra, como *Kustom Kar Kardinians* (1965, homenagem à cultura californiana dos carros customizados), *Puce Moment* (1949) e *The Man We Want to Hang* (2002), há ainda entrevistas, homenagens e refilmagens de admiradores.

O legado que deixará este senhor tão controverso ainda será devidamente avaliado. Gênio? Louco? Ambos? O tempo dirá | Veja a programação do Videobrasil no Cincartaz, página 6



Notícia integrada: Veja a programação do Videobrasil no portal A TARDE ON LINE | www.atarde.com.br